



Pelotas  
pelas  
águas:

Cenas e narrativas plurais sobre  
a inundação de maio de 2024

## DIÁRIO GRÁFICO

### PELOTAS PELAS ÁGUAS: CENAS E NARRATIVAS PLURAIS SOBRE A INUNDAÇÃO DE MAIO DE 2024

*Pelotas Through the Waters: Plural Scenes and Narratives about the May 2024  
Flood*

*Pelotas pelas Águas: Escenas y Narrativas Plurales sobre la Inundación de Mayo de  
2024*

Coordenação Geral e Organização:  
Flávia Maria Silva Rieth  
Universidade Federal de Pelotas  
Email: [flavia.rieth@ufpel.edu.br](mailto:flavia.rieth@ufpel.edu.br)

Organização:  
Gabriela Pecantet Siqueira  
Universidade Federal de Pelotas  
E-mail: [gabrielapecantet@gmail.com](mailto:gabrielapecantet@gmail.com)

Áltera, João Pessoa, Número 20, 2025, e02005, p. 1-32

ISSN 2447- 983



**RESUMO:**

O diário gráfico *Pelotas Pelas Águas: Cenas e narrativas plurais* sobre a inundação de maio de 2024 é uma produção coletiva da turma de Antropologia I do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPel. A obra propõe um olhar antropológico sobre as relações entre pessoas, bichos, coisas (Ingold, 2012) e águas em Pelotas, cidade marcada por sua geografia hídrica. Inspirados na construção de cenas de Fleischer (2019), na técnica de montagem de Benjamin (2009) e na pedagogia da pergunta de Freire (2021), o trabalho reúne diferentes vozes e cria narrativas plurais sobre o habitar territórios alagadiços. Os relatos são de pescadores, moradores ribeirinhos, lideranças comunitárias, bem como outros narradores urbanos. Reunindo cenas, relatos, colagens, mapas e fotografias, o diário, através da transposição didática de saberes (Chevallard, 2014), reflete sobre experiências vividas durante a inundação de maio de 2024 e em outras temporalidades, e configura-se como material didático sobre a crise ambiental para o ensino médio.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Pelotas; narrativas; inundações; diário gráfico.

**ABSTRACT:**

The graphic diary *Pelotas Through the Waters: Plural Scenes and Narratives* about the May 2024 Flood is a collective production by the Anthropology I class of the Social Sciences undergraduate program at UFPel. The work proposes an anthropological perspective on the relationships among people, animals, things (Ingold, 2012), and waters in Pelotas – a city shaped by its hydric geography. Inspired by Fleischer’s (2019) construction of scenes, Benjamin’s (2009) montage technique, and Freire’s (2021) pedagogy of the question, the project brings together multiple voices to create plural narratives about inhabiting flooded territories. The accounts include those of fishers, riverside residents, community leaders, and other urban narrators. Combining scenes, testimonies, collages, maps, and photographs, the diary, through the didactic transposition of knowledge (Chevallard, 2014), reflects on experiences lived during the May 2024 flood and in other temporalities, establishing itself as an educational resource on environmental crisis for high school teaching.

**KEYWORDS:**

Pelotas; narratives; floods; graphic diary.



**RESUMEN:**

El diario gráfico Pelotas Pelas Águas: Escenas y narrativas plurales sobre la inundación de mayo de 2024 es una producción colectiva de la clase de Antropología I del curso de Licenciatura en Ciencias Sociales de la UFPel. La obra propone una mirada antropológica sobre las relaciones entre personas, animales, cosas (Ingold, 2012) y aguas en Pelotas, ciudad marcada por su geografía hídrica. Inspirada en la construcción de escenas de Fleischer (2019), en la técnica de montaje de Benjamin (2009) y en la pedagogía de la pregunta de Freire (2021), la obra reúne diferentes voces y crea narrativas plurales sobre la habitabilidad de los territorios anegadizos. Los relatos son de pescadores, ribereños, líderes comunitarios y otros narradores urbanos. Reuniendo escenas, relatos, collages, mapas y fotografías, el diario, a través de la transposición didáctica de conocimientos (Chevallard, 2014), reflexiona sobre las experiencias vividas durante la inundación de mayo de 2024 y en otras temporalidades, y se configura como material didáctico sobre la crisis ambiental para la enseñanza secundaria.

**PALABRAS CLAVE:**

Pelotas; narrativas; inundaciones; diario gráfico.



## PELOTAS PELAS ÁGUAS: CENAS E NARRATIVAS PLURAIS SOBRE A INUNDAÇÃO DE MAIO DE 2024

Você já pensou nas relações entre pessoas, bichos, coisas e ambientes pela perspectiva da Antropologia?

Neste diário gráfico, você vai encontrar reunidas cenas (Fleischer, 2019) que retratam experiências diversas de gente, coisas (Ingold, 2012) e bichos com relação às águas em Pelotas, em tempos de crise ambiental. As cenas foram construídas coletivamente em formato texto-imagem, a partir de entrevistas realizadas pelos discentes da turma de Antropologia I do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFPel, com moradores da cidade. Ofertada no primeiro semestre letivo de 2024, a disciplina teve caráter extensionista e integrou o programa de curricularização da extensão do curso. O exercício proposto consistiu na aproximação de um contexto familiar, mas não necessariamente conhecido (Velho, 1981), e em aprender sobre as relações com o ambiente a partir de quem habita Pelotas, coexistindo, no cotidiano, com diferentes cursos d'água: arroios, lagoas e lagunas, canal, chafarizes, canaletes e banhados, os quais desenhavam a paisagem da cidade (Rieth, 2019; Rieth & Nunes, 2023). Esse diário, através da transposição didática de saberes (Chevallard, 2014), configurava-se como material didático sobre a crise ambiental para o ensino médio<sup>1</sup>.

Pelotas – cujo nome se refere a um tipo de embarcação feita de couro e varas de corticeira usada para atravessar os rios nos tempos das charqueadas – está localizada na encosta inferior da Serra dos Tapes e na Planície Costeira Interna, nas margens do Canal São Gonçalo, ligação natural entre a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim. Habitamos a Pampa Atlântica (Sell, 2017), que se caracteriza pelos campos litorâneos, planície arenosa que protege os cursos d'água interiores e onde os banhados são comuns pela proximidade do lençol freático. Os ventos e a maresia são fatores climáticos que definem a vegetação rasteira com capões de mato e vegetação de restinga, onde se tem a presença de figueiras do gênero *ficus* como árvore característica do lugar.

Em Pelotas Pelas Águas, registramos as vivências de diferentes narradores urbanos (Rocha & Eckert, 2020) durante as inundações de maio de 2024, para pensarmos a importância das águas em nossas vidas e o lugar que habitamos. Essa experiência nos levou às memórias do evento de maio de 2024 e de outras inundações ocorridas na cidade, tempos que se misturam nessas lembranças, dimensionando a crise ambiental. Durante a construção das cenas, os estudantes respeitaram o silêncio e os limites de quem preferiu não falar, bem como a preservação de segredos

---

<sup>1</sup> Além do diário gráfico, a experiência também resultou em outras produções e ações (Siqueira & Alves, 2025; Araújo et al., 2025). Essas produções ampliam o alcance do trabalho, articulando a dimensão formativa e extensionista da disciplina.



ligados à religiosidade e à vida íntima dos interlocutores.

No texto, o diálogo com as experiências e percepções dos narradores urbanos<sup>2</sup> são acompanhados de fotografias, desenhos, mapas e colagens, articulados com a técnica da montagem (Benjamin, 2009). A montagem visa desconstruir e reorganizar a realidade ao justapor diferentes fragmentos a fim de aproximar distintas temporalidades, sentidos e perspectivas, criando uma narrativa plural com camadas de interpretação que vão além das palavras. Assim, para além de uma composição estética, é uma ferramenta para provocar reflexão crítica e fomentar um olhar mais profundo sobre o tema explorado aqui, como Benjamin propunha.

As imagens também foram dispostas de maneira entrelaçada a questionamentos, inspirados na pedagogia da pergunta de Paulo Freire (2021), a fim de abrir espaço para reflexões e novas possibilidades de entendimento sobre as relações entre pessoas, coisas, bichos e as águas em Pelotas. Essa organização conduz o leitor a uma aproximação sensível com as águas em tempos de crise ambiental.

As cenas, a seguir, estão organizadas em torno de eixos temáticos que refletem diferentes dimensões das experiências. Os grupos de cenas tratam do morar em lugares alagadiços, fratura dos laços sociais e resistências, bem como as memórias de inundações passadas, que ocorreram em diferentes momentos da história da cidade e permanecem nas lembranças de seus moradores. Com essa organização, buscamos tanto destacar singularidades das vivências quanto as semelhanças que atravessam os diferentes territórios e moradores, permitindo uma leitura que combina sensibilidade etnográfica e reflexão coletiva, com vistas a dialogar com estudantes do ensino médio.

---

<sup>2</sup> Nas cenas que compõem essa obra, os nomes dos narradores são fictícios, adotados com o intuito de preservar a identidade das pessoas. Já os nomes dos discentes são reais e correspondem aos estudantes responsáveis pela elaboração coletiva do diário gráfico.





## MORAR EM LUGARES ALAGADIÇOS

### Cena 1: “Pescador gosta de água cheia”

A aluna Tatiana Soares, que hoje em dia mora no bairro Fátima, mas que se criou na região da Balsa, tem diversas ligações de amizade e parentesco com as pessoas da comunidade à beira do canal São Gonçalo. Assim, Tatiana e Guilherme Simões Lopes se deslocaram até a peixaria do Machinho, na Estrada do Engenho. Seu Machinho, apelido recebido quando nasceu, tem 72 anos, é pescador e proprietário de uma peixaria, casado, com dois filhos. Conta que vive no local porque seus avós e pais já moravam no bairro Balsa; sua avó era parteira, referência para todas as gestantes da região.

A casa e a peixaria se localizam na beira do canal São Gonçalo e o comércio de peixes existe formalmente há cerca de 20 anos, no entanto, Machinho vive da pesca desde a infância, prática que foi passada de pai para filho. Indagado sobre as “enchentes”<sup>3</sup>, disse que o avanço das águas é bem-vindo pela comunidade dos pescadores: “Nós não temos nada contra enchente, né? Até, por sinal, a gente gosta muito quando dá uma água cheia aqui. Pescador gosta de água cheia, sabe?”, e ainda completa: “isso foi a coisa mais linda que aconteceu”.

Em maio, um homem, provavelmente do poder público, chegou para alertá-lo: “hoje nós vamos levar todo mundo aí dessa beira”, e ele conta que respondeu: “eu digo: eu não vou sair né? Eu nasci aqui nesse lugar, tô com tudo isso aqui meu, vou abandonar isso aqui? Deixar isso aqui?”.

Durante as cheias, na parte mais alta da casa, a água chegou até cerca de 30 cm de elevação, e a parte mais baixa, onde se localiza o seu trapiche e atracadouro dos seus barcos, ficou toda encoberta. Conta que na época dos seus pais, a casa da família era uma casa “quatro águas” – com telhado com caída para quatro lados e que era tudo principalmente feito de madeira e palha –, que ele chamava de ranchinho. Toda a região era de banhados, com cheias ocorrendo todo o ano. Conforme a água ia subindo, seu pai ia levantando os móveis: “E ali a água vinha enchendo e o pai ia botando tijolo e alevantando, alevantando a cama e nós dormia”. E completa: “Nós nunca saímos daqui, nunca saímos daqui”, salienta.

Antigamente, durante as cheias, chegava a pescar 50 kg ou mais de pescados por dia, como, por exemplo, peixes das espécies de burriquetes de 20 kg, miraguaiais de 40 kg, bagres de 25 kg e traíras chegando a 20 kg. Hoje em dia só consegue pescar traíras de cerca de 5 kg e de forma muito mais escassa e dificultosa, conforme falou Seu Machinho. Relatou que toda região era plana, até que o poder público começou a aterrar e levantar a estrada que, hoje, encontra-se em um nível muito mais alto que o

---

<sup>3</sup> Embora o termo técnico seja inundação, optamos por manter a palavra “enchente” ao longo do texto, a fim de preservar a forma de nomeação utilizada pelos interlocutores.



das casas na beira do canal. Além de todo o processo de ocupação e urbanização da região que agora é parte integrada à cidade, mais urbana do que rural, diferente de antigamente.

Ao final, Tatiana conta que a comunidade da Balsa, durante as “enchentes” de maio, baseava-se principalmente pelas informações dadas pelo Seu Machinho e seu irmão, João Paulo, para saber se as águas iam subir no bairro ou não, pois o conhecimento prático de uma vida toda vivendo à beira do canal falava mais alto.

Figura 2 - “Água cheia”



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.  
Fotos de Guilherme Simões Lopes, Tatiana Soares e Grace Velasco.

## Cena 2: Não é zona de risco, é uma Colônia de pescadores

Grace decidiu ouvir diretamente dos pescadores suas histórias sobre a “enchente” de maio que havia devastado a Colônia Z3. No início de outubro de 2024, foi até a comunidade de pescadores, às margens da Lagoa dos Patos. A Colônia Z3, assim como o Laranjal e o Pontal da Barra, foi uma das áreas mais afetadas da cidade pela inundação, obrigando muitas famílias a deixarem suas casas. Em maio, as águas destruíram a ponte de acesso à Colônia, dificultando o acesso dos moradores ao centro da cidade e a constituição de redes de reciprocidade nesse momento de crise. As casas e as peixarias ainda exibem marcas da destruição pela força da água, com o entulho depositado nas ruas.

Dona Nádia, moradora da Colônia há 47 anos, foi uma das primeiras a abandonar a casa onde criou seus dois filhos. Com 62 anos, ela e o marido embarcaram num caiaque, tentando salvar o que podiam. “Não sobrou nada além de pedras espalhadas e dunas de areia. As peixarias ficaram em pedaços, as casas demolidas”, relembra. Naquele caos, ela não conseguiu salvar seus pertences. Conta que uma empresa ofereceu ajuda, mas como Nádia descreve, “não tapou o prejuízo, mas é melhor alguma coisa do que nada”.

Em uma casa próxima, Glauco, também de 62 anos, ficou ilhado com a esposa e seus três filhos. “A água subiu rápido demais”, conta. “Ficamos sem comida, sem luz, sem comunicação. Muita gente precisou de ajuda e fiz o que pude, mas muitos fugiram antes que fosse tarde”. Apesar do cenário de destruição, Glauco se consola com o fato de sua família ter ficado bem. “Não houve nenhuma morte, com a graça de Deus”, diz ele.

Para Dona Iara, 65 anos, a “enchente” não levou apenas sua casa, mas também o sustento de sua família. Comerciante aposentada, Iara e seu marido, Roberto, viram sua peixaria e seus pescados serem destruídos pelas águas. Relata que “a água subiu de um jeito inexplicável, muitos fugiram e, aos poucos, tentamos reconstruir o que perdemos”. Assim como narrado por Nádia, uma empresa auxiliou financeiramente, “mas ainda há muito o que fazer”, diz ela. Hoje, a peixaria ainda está em pedaços e o recomeço é lento e doloroso, pois a peixaria carrega anos de trabalho e história vividos.

Dona Feliciano, 64 anos, pescadora aposentada, com dois filhos (casados e pescadores) e com dois netos, viu sua casa ser levada pela “enchente”. Com sua família e a de outros pescadores, foi se abrigar na Associação da Mãe Iemanjá. Conta que outras famílias foram para a Paróquia da Colônia Z3. A água estava pela cintura e “Foi desespero. Peguei só um cobertor, documentos, e muita fé para passar pela água”, relatou. D. Feliciano está morando na Associação com sua família e lamenta a falta de assistência: “Estamos sem comida, sem casa, sem roupa. A água levou tudo”.

As histórias de Nádia, Glauco, Iara e Feliciano se entrelaçam nas margens das



águas da Lagoa, em que a atividade da pesca está na formação da comunidade, relação que dá o sustento para as famílias de pescadores.

Figura 3 - Peixarias



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

Fotos de Grace Velasco. Foto do vestígio arqueológico do Acervo do LEPARQ/UFPel.

### Cena 3: “Com as chuvas, vinham as traíras”: mudanças no ciclo das águas na Antiga Rua das Traíras

Jaqueline é moradora de Pelotas e, por isso, o nome Rua das Traíras é familiar. Há muitas décadas essa rua era caminho para ela e a família se deslocarem até a Praia do Laranjal, para desfrutar dias de sol e calor nas águas da Lagoa dos Patos.

É setembro e as chuvas se fazem frequentes. Em um dia de sol, Jaqueline se desloca na cidade, do bairro Três Vendas para o Areal, para encontrar Dona Letícia, 61 anos. Ela mora há 18 anos na rua Comendador Rafael Mazza, antiga Rua das Traíras, com o marido, duas filhas e um neto. O marido é aposentado por motivos de saúde e ela trabalha em serviços gerais em um clube de lazer da cidade. Ela é natural de Canguçu e mudou-se para Pelotas, sempre morando nas imediações da antiga Rua das Traíras, nas proximidades do Arroio Pelotas. Conforme D. Letícia, “com o alerta das autoridades, fomos retirando nossos pertences e levando para a casa de dois filhos que moram em bairros fora da área de risco de inundação. Levamos os animais de estimação, mas mesmo assim foi muito rápido, a água começou a subir da Avenida Ferreira Viana em direção à Av. Domingos de Almeida”.

A família se dividiu, parte ficou com um filho e parte com outro filho. O genro de D. Letícia dormiu algumas noites na casa para vigiar, cuidar dos pertences de roubos e observar as águas. A família passou 21 dias fora de casa. No dia 31 de maio, não havia mais água dentro de casa e, no pátio, só muito barro e sujeira. Apesar de ter muita água na rua, começaram a limpeza com a insegurança da água voltar. A família perdeu dois roupeiros, um balcão de cozinha, uma sapateira e sofás. Colocaram uma camada de pedra brita no pátio para amenizar o barro. Logo, se inscreveram na internet para o auxílio do governo, mas sempre que consultavam, a mensagem era “o pedido está em análise”.

Figura 4 - Antiga Rua das Traíras



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

Rafaela conversou com Marcelo, morador da Vila da Palha próximo à antiga Rua das Traíras. Marcelo, 40 anos, trabalha como montador de móveis e mora com o pai, que tem 70 anos, na casa deixada pelo seu avô (falecido), que viveu na localidade desde antes da fundação de ruas como a Comendador Rafael Mazza. Marcelo cresceu ouvindo histórias do avô de como era aquela localidade. O avô contava que onde hoje se encontra a antiga Rua das Traíras era uma parte do grande banhado que cobria a área, com poucas casas dispersas. Descreve a área como um grande terreno aberto onde, em épocas de chuva intensa, os arroios próximos transbordavam e toda área era inundada pela água. Com a “enchente” vinham os animais, como cobras, sapos e peixes, especialmente traíras, que eram pescadas pelos moradores com o uso de redes. Com o passar dos anos, ocorreram mudanças na área, como a instalação de esgoto e construção de mais casas, com isso, a água não inundava mais a rua como em décadas anteriores, até as fortes chuvas de maio de 2024.

Marcelo relata, ainda, que uma característica de sua rua é a forte umidade, suficiente para causar danos nos móveis. Marcelo diz ter a impressão de que é como se água “vertesse” do chão, pela forma como a água se condensa e acumula através da umidade.

Figura 5 - Cursos d'água de Pelotas



Fonte: desenhos e colagem de Gabriela Siqueira.  
Foto de Giovanni Nachtigall Mauricio. 2024.

Figura 6 - Banhado



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira.  
Desenhos de Flávia Rieth. Foto de Jaqueline. 2024.

#### Cena 4: Sair, voltar, limpar e vender

Flávia e Gabriela, em um sábado de manhã do mês de setembro, à procura de saber mais sobre a antiga Rua das Traíras e a respeito das “enchentes” de maio na região, se dirigiram até a localidade. Lá conversaram com Carla, moradora há muito tempo nessa rua e que sofreu com as “enchentes” de maio. Natural de Pelotas, Carla viu a Rua Comendador Rafael Mazza encher d'água pela primeira vez em maio deste ano. Sua casa, embora tenha sido bem aterrada, não escapou. A água invadiu o local e destruiu boa parte de seus pertences.

Carla relembra que antes as chuvas costumavam alagar a rua, mas nunca atingiram as casas. A construção de novos empreendimentos na região contribuiu para essa nova situação: “[...] abriram e colocaram canos para o campo... vem todo pra esse campo e aí transborda. Eles podem dizer que não [...], mas a água não tem mais pra onde ir”.

Quando as águas começaram a subir, Carla teve que deixar a casa. Ela passou quarenta dias fora, deslocando-se para a parte alta do Areal, onde possui uma outra residência. Carla voltava para casa para verificar se tudo estava em ordem, com medo de furtos ou de que a água voltasse. Em meio ao caos e ao lixo espalhado pela rua, algo inusitado chamou sua atenção: “Até capivara apareceu aqui! Eu cheguei e tinha duas capivaras ali, no meio de todo o lixo”, relembra, quase rindo da situação. “Só faltou jacaré”, brinca, em um raro momento de leveza durante a conversa.

A vizinhança inteira teve que abandonar suas casas e a articulação de redes de ajuda foram essenciais para atravessar esse período caótico. “As pessoas se ajudavam como podiam, recorrendo a parentes e vizinhos, todo mundo saiu de casa”. Quando a água baixou, disse que o local “era uma praça de guerra”, referindo-se à quantidade de móveis e entulhos que tomavam a rua.

Mesmo após o recuo das águas, Carla não teve tempo de respirar aliviada. Meses mais tarde, em setembro, a cada nova chuva, a preocupação voltava: “Foi a cereja do bolo, não quero mais passar por isso”. A sua decisão de deixar a casa foi inevitável, não só pelas perdas materiais, mas pela incerteza de uma nova “enchente”.

Carla tentou solicitar o auxílio do governo, mas o pedido foi negado por não atender aos critérios, já que ela não era considerada uma família após ter ficado viúva recentemente. Ela relata com frustração que, mesmo o valor sendo pequeno, teria sido uma ajuda bem-vinda. Atualmente, planeja deixar a casa em definitivo, vendendo o terreno abaixo do valor de mercado por causa dos problemas recorrentes com a água. O futuro, para ela, parece apontar para uma moradia em um edifício alto e seguro, longe dos riscos que a antiga Rua das Traíras passou a representar.



Figura 7 - Expansão horizontal



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

## Cena 5: A proteção dos Orixás e a comunicação com as forças da natureza

Claudia e Denis entrevistaram, em setembro, o Sr. João, 59 anos, que mora atualmente no bairro Fátima, pois teve que sair de sua casa no bairro Laranjal/Balneário Valverde, por ser área de risco de enchentes. Morava no Laranjal há seis anos e conta que as águas devastaram tudo que tinha e não pretende mais voltar para lá.

Disse que percebia que a água estava avançando, mas não achava que iria entrar dentro de sua residência. Depois que construíram onde era banhado, as inundações na volta de sua casa ficaram frequentes, mas nunca tinha entrado água em sua casa, então veio até a cidade e quando voltou estava tudo embaixo da água. Ficou só com a roupa do corpo.

Passou cinco semanas em um abrigo e um mês na casa de um amigo. Com esse abalo, procurou ajuda com os Orixás, onde frequentemente ia se consultar com os guias espirituais em uma casa de Umbanda. Falou que na umbanda se sentiu acolhido e, por ser filho de orixá, foi onde encontrou forças: “Fez banhos de ervas para se purificar, fortalecer seu ORI”. Disse que para situações de “enchentes” e tempestades ou outros eventos relacionados às águas, é comum que o praticante do Batuque recorra a rituais específicos para apaziguar as forças da natureza. Buscam praticar comunicação entre a vida e a cosmologia ancestral negra presente em Pelotas.

Figura 8 - Religiões de matriz africana



Fonte: colagem de Flávia Rieth e Gabriela Siqueira, 2024.

## FRATURA DOS LAÇOS SOCIAIS E RESISTÊNCIAS

### Cena 6: Invasões

Cristina é assistente social e colega de William no hospital, tem 46 anos e é natural de Pelotas: “Eu moro na Pedro de Toledo, é uma rua que fica bem atrás do Castelo Simões Lopes, como referência, então, estava na área de risco. Preciso dizer que na minha rua não entrou, não chegou nem na porta, enfim, entrou mais na Avenida Brasil mais lá pra baixo. Mas a aflição, a agonia, aquela coisa de vai subir, não vai subir é desesperador. No caso, eu tive medo, eu tive receio de estar no caso em uma zona de risco, tive todo tempo no vermelho, teve um dia que eu disse ‘meu Deus olha que ponto a gente chega, que tá comemorando que passou para laranja e daqui a pouco já passou pra vermelho de novo’, eu disse não tem coisa pior no mundo que tu sentir medo e tá insegura de tá dentro da tua casa, que é o teu cantinho”<sup>4</sup>.

Comenta, na entrevista, que de alguma forma fomos todos afetados pela inundação, embora não na mesma intensidade; algum parente ou vizinho ou conhecido precisou de ajuda. Muitos conhecidos, colegas de trabalho que moram no Laranjal, perderam tudo, a casa ficou submersa. Conta que a inundação demorou a passar e que as pessoas estão voltando para casa agora, em setembro. E que depois de baixar a água tem a limpeza das casas: “a quantidade de bichos, de entulho, enfim”. Cita um caso que acompanhou: “Teve um familiar do Laranjal que foi furtado, eu te digo, assim, era morador do Valverde e antes de efetivamente invadir, de entrar água, fizeram tudo que é possível pra água não entrar, com areia, com contenções, barricadas. E aí iam visitar todos os dias e teve até um dia que ele teve que visitar de barquinho porque a frente estava cheia, mas a água não tinha entrado. Não adiantou porque depois entrou. Mas foi nesse período que invadiram, antes da água entrar, e eles roubaram, ele (o morador) tinha colocado as coisas dele no segundo piso para água não pegar, daí roubaram as coisas de valor, mas de valor assim que eu digo que dava pra carregar sabe, televisão e monitor, essas coisas pequeninhas”. Disse que, por essa razão, algumas famílias retardaram a saída de casa e tiveram que ser resgatadas pelos bombeiros ou pela defesa civil.

---

<sup>4</sup> Durante as inundações de maio de 2024, a prefeitura de Pelotas divulgou mapas de alerta de risco de inundação: em laranja, estavam as regiões que não corriam risco imediato, mas que deveriam ficar em alerta; em vermelho, as áreas de maior risco. Entre as áreas sinalizadas em vermelho estavam a colônia Z3 e grande parte das praias do Laranjal, localizadas às margens da Lagoa dos Patos, além de uma ampla faixa de território banhada pelo canal São Gonçalo e pelo arroio Pelotas.



Figura 9 - Riscos



Fonte: mapa de produção da Prefeitura de Pelotas (2020); desenho de Flávia Rieth (2020); e colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

Cena 7: Mobilização por moradia: morar próximo do centro da cidade e nas margens do canal

Guilherme Simões Lopes e Tatiana Soares, motivados pelo interesse de pesquisar a história de um loteamento situado na Estrada do Engenho, construído com recursos do Município de Pelotas e do Estado do Rio Grande do Sul, voltaram sua

atenção para uma comunidade ribeirinha local. Essa comunidade, que vive às margens do canal São Gonçalo, enfrenta uma luta constante contra o avanço da especulação imobiliária, que ameaça seus direitos e modos de vida. Guilherme e Tatiana se dirigiram ao local no dia 8 de outubro de 2024 para saber como foi a experiência da “enchente” por lá. Visitaram a moradora Michele, mulher negra, dona de casa, 37 anos, solteira, mãe de oito filhos e líder comunitária. Foram recebidos na casa dela, onde ocorreu a entrevista. Michele contou que foi transferida para o loteamento há sete meses e relatou a história desta mobilização por moradia.

O início de tudo começou pela reivindicação da construção do loteamento na própria Estrada do Engenho. A prefeitura queria remover os moradores dessa região para os fundos do bairro Getúlio Vargas, cerca de 15 km do centro da cidade e afastado de qualquer curso d’água, mas é das águas que os pescadores locais tiram o sustento. Além disso, caso ficassem longe dali, impossibilitaria o trabalho daqueles que também realizam a coleta de material reciclável nos bairros centrais da cidade. Através da mobilização dos moradores, com o apoio dos cursos de arquitetura e urbanismo das Universidades Federal e Católica de Pelotas, foi desenvolvido o projeto do loteamento na própria Estrada do Engenho, com a construção de 59 casas populares, para que fossem entregues a todas as famílias que moravam em situação de vulnerabilidade à beira do Canal São Gonçalo. Michelle relatou que cerca de 22 famílias da localidade se mudaram para o loteamento, sendo o resto destinada para famílias de outras regiões da cidade. As casas foram construídas com materiais baratos, não há sistema de escoamento de água, contam com fossas pequenas de plástico que em três meses já estavam transbordando, devolvendo os dejetos até pelos ralos, e ainda resta uma série de casas não concluídas que seriam destinadas aos pescadores. Ela relata também que toda chuva mais forte é como se ela vivesse uma nova “enchente”.

Na “enchente” de maio, Michelle e seus filhos tiveram que procurar abrigo no CAVG, não pela inundação do São Gonçalo, mas sim pelo total alagamento do loteamento por falta de sistema de escoamento e pela água que entrava direto pelo forro da casa, inundando toda a casa. O loteamento todo é construído em uma região muito mais baixa que a Estrada do Engenho e arredores, não contém qualquer sistema de escoamento e saneamento básico nulo na prática, acabando por acumular quantidades gigantescas de água, formando grandes bolsões de alagamentos. Relata que um estabelecimento vizinho, que faz divisa com o loteamento, abriu um buraco em seu muro, sem o seu consentimento, para que a água escoasse para dentro do loteamento, alagando completamente seu pátio e, conseqüentemente, sua casa.

Michelle relata também que o loteamento foi construído sobre um banhado, aterrado com lixo da prefeitura e coberto por uma fina camada de aterro de “enfeite”, e que por isso o solo do loteamento está cedendo progressivamente, com as casas centrais apresentando rachaduras e comprometimento da infraestrutura de forma



progressiva, o que se alastra cada vez mais para o restante das casas a partir do centro.

Figura 10 - Resistência



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira.

Fotos de Guilherme Simões Lopes e Tatiana Soares. 2024.

## Cena 8: Laços multiespécies

Luiza tem 18 anos e é estudante de Direito em uma universidade pública, e desde 2015 mora em um sobrado no Laranjal – Balneário Valverde, com sua mãe, sua irmã, dois gatos e dois cachorros. Antes disso, a família vivia no bairro Areal. Quem conversou com Luiza foi Fernanda, que já a conhecia, o que facilitou as conversas também realizadas por áudios no WhatsApp, durante os meses de setembro e outubro de 2024, tratando do tema das “enchentes”.

Em maio de 2024, Luiza passou por uma das maiores cheias no Laranjal. A única “enchente” que ela diz que lembrava antes dessa foi a de 2015, que foi muito menor. Luiza conta: “Na época, a água chegou só até a porta da casa da nossa vizinha, que tem um sobrado igual ao nosso. Porém, essa cheia de agora foi muito pior do que a gente imaginava”. No começo, ela e sua família acharam que seria parecido com a daquele ano, mas conforme viram os vizinhos retirar seus pertences e deixar as casas, decidiram sair também, no dia 5 de maio. Luiza descreve que a “sensação era horrível, tanto pelo tempo ruim quanto por ver todo mundo saindo com pressa, carregando tudo o que podia”.

Antes de sair, levantaram alguns móveis, mas apenas uns 20 centímetros do chão, porque não achavam que a água iria subir tanto. Levaram algumas coisas para o segundo andar da casa e saíram. O mais difícil foi encontrar um lugar para deixar os cachorros, porque eles são de grande porte. Uma conhecida da família se ofereceu para cuidar deles enquanto elas ficaram na casa da avó com os gatos, mas a separação também foi motivo de apreensão: “Ficamos preocupadas em deixar os cachorros longe, porque eles não estão acostumados a estarem longe da gente e em um lugar estranho, então, no dia seguinte, 6 de maio, a gente resolveu buscar eles”.

Após um período na casa da avó, um amigo da família ofereceu abrigo no Alto Laranjal, onde ficaram até julho. Luiza descreve: “Era uma casa pequena, mas tinha mais espaço para os bichos e no começo não precisávamos pagar aluguel, nem nada, o que ajudou bastante até a gente se organizar por lá”.

Elas saíram de casa pensando que a situação se resolveria rapidamente, mas foi bem diferente: “A gente saiu de casa com poucas roupas, acreditando que tudo ia se resolver bem mais rápido do que realmente foi”. Com o passar dos dias, o tempo esfriou e a irmã de Luiza teve que voltar algumas vezes para casa, de canoa, com a ajuda de alguns voluntários, para buscar mais roupas. Na primeira vez que foi até lá, a água tinha subido até a altura da geladeira e dava para ver as coisas boiando dentro e fora da casa. No dia 7 de junho, sua mãe conseguiu voltar para começar a limpar e no dia seguinte Luiza foi ajudar: “A situação era muito pior do que a gente imaginava. O cheiro de comida estragada, algas e o barro que entrou, era insuportável. Perdemos vários móveis da cozinha, o piso ficou danificado por causa da umidade e o mofo



tomou conta da casa. Além disso, muitas coisas que estavam no pátio foram perdidas”.

Luiza contou que nos dias em que estavam limpando a casa, a praia estava cheia, porque o dia estava bom, e as pessoas que passavam em frente às casas em processo de limpeza ficavam olhando, tiravam fotos e filmavam, congestionaram o trânsito. Luiza expressa que se sentiu exposta diante do turismo de crise climática.

Ela também lembra que houve alguns assaltos durante a “enchente” e muitos voluntários, que também tiveram suas casas alagadas, se organizaram para fazer rondas no bairro. Eles tiravam fotos e vídeos das casas e compartilhavam em um grupo para ajudar a proteger as residências e avisar os moradores que estavam mais longe, caso acontecesse alguma coisa.

Luiza comentou também que mora na frente da praia, mas antes de chegar na praia há um banhado e no final de sua rua passa um arroio. Segundo ela, a água que entrou na casa foi a da lagoa, mas a água do arroio também contribuiu. Ouviu dizer que o banhado ajuda a baixar o nível da água.

Figura 11 - Laços multiespécie



Fonte: colagens com desenhos de Flávia Rieth e Gabriela Siqueira.

Imagens utilizadas são de domínio público. 2024.

Enquanto muitas famílias deixaram suas casas levando seus animais de estimação na esperança de protegê-los, outras histórias de cuidado também emergiram em meio ao caos das “enchentes”. Guilherme P. da Silva entrevistou Viviane, 21 anos, estudante de Agronomia na UFPel, que organizou um abrigo para 11 cães de rua. Guilherme e amigos participaram do cuidado dos animais. A casa, escolhida por Viviane, era uma residência abandonada localizada no centro da cidade, fora da área de risco de inundação. O grupo de voluntários limpou, higienizou e deixou a casa em condições para receber os cães desabrigados ou de pessoas que moravam em zonas de risco. A casa possui cinco cômodos, todos foram forrados por cobertas para o conforto dos animais. Segundo Viviane, os cães estranharam muito a convivência, bem como a ausência dos donos, além disso, uma cachorra que estava prenha acabou dando à luz a oito filhotes, três dias após chegar na casa. A casa ganhou movimento, três vezes ao dia durante todo o período das “enchentes” tínhamos agenda para alimentar, limpar e cuidar dos cães. E em dias em que não chovia, os cães brincavam no pátio.

Figura 12 - Redes de apoio



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

## Cena 9: Redes comunitárias de reciprocidade

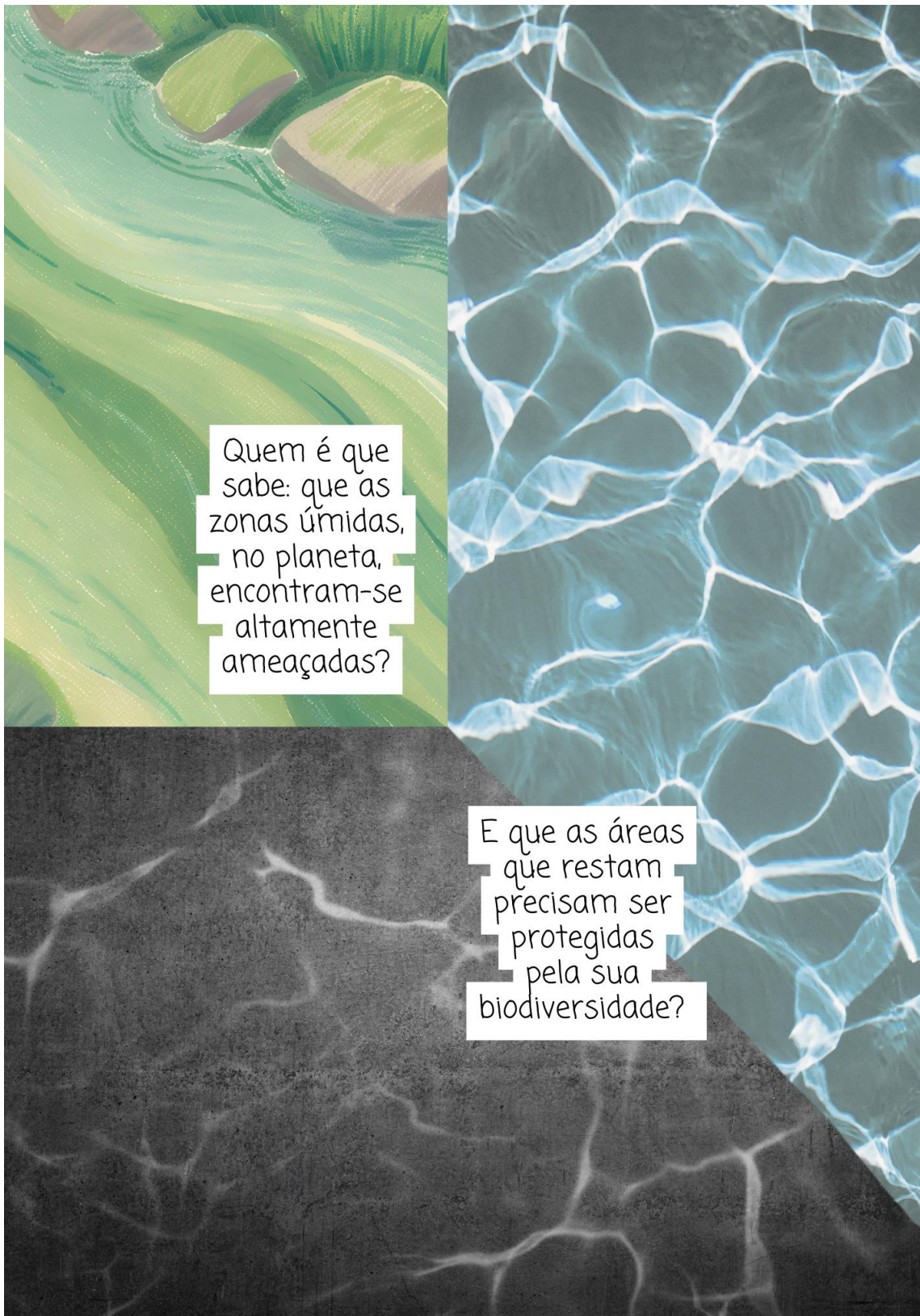
William Lemos, morador de Pelotas, reside no bairro Fernando Osório, uma das poucas áreas que não sofreu grandes danos, o que o fez sentir-se distanciado da experiência que outras pessoas narram ter vivido, embora tenha sido profundamente solidário com amigos, parentes e colegas que enfrentaram dificuldades maiores. Acompanhou com preocupação o avanço das águas tanto na cidade de Pelotas quanto em Porto Alegre. Participou ativamente das campanhas de doações, de alimentos, roupas e materiais de higiene, divulgou notícias e informações nas redes sociais e auxiliou amigos a retirar seus pertences de áreas de risco.

William trabalha em um hospital em Pelotas, em seu local de trabalho acompanhou mobilizações e entrevistou colegas: Heitor, nascido e criado na cidade, com 37 anos, também atuou como voluntário na inundação. Ele liderava um grupo de excursão de torcedores de futebol “Borrachos do Sul”, com cerca de mil membros no grupo do WhatsApp. Quando a inundação atingiu Pelotas e o estado do Rio Grande do Sul, Heitor mobilizou as pessoas para arrecadar doações. Conta: “eu acho que foi o comum de quase todas as pessoas que começaram a fazer algo por causa da proporção [que o evento] que se tornou”. Disse que pelas “enchentes” terem impactado mais severamente o norte do estado, onde a “enchente” súbita deixou tudo submerso em poucas horas, em relação à parte sul, por onde o avanço das águas foi mais lento, houve mais tempo para se organizar e se preparar. Expressou que acredita que a prefeitura fez um trabalho preventivo: “Quando se trata de vidas, nós que ganhamos no hospital sabemos que é fundamental agir de forma preventiva, porque não dá para arriscar; o custo seria muito alto, com muitas famílias que a própria prefeitura não teria condições de socorrer”.

Relatou, ainda, que com o apoio de amigos e empresários locais, conseguiram estabelecer vários pontos de coleta em toda a cidade, o que facilitou a logística das doações. No início, o foco era enviar ajuda para as áreas mais afetadas fora de Pelotas, mas à medida que as águas avançavam sobre a cidade, eles começaram a concentrar esforços localmente, contribuindo para cozinhas comunitárias e abrigos emergenciais. Durante a conversa, lembrou que a maior dificuldade foi conciliar o trabalho no hospital com o voluntariado, e que por isso chegaram a fazer escala de trabalho para a entrega das doações. Este trabalho intenso ocorreu no período de pouco mais de um mês, com a distribuição de cerca de 800 marmitas por dia também em abrigos da cidade: “Um número alto que demandava muito material e esforço”.



Figura 13 - Zonas úmidas e biodiversidade



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

## MEMÓRIAS DE OUTRAS “ENCHENTES”

### Cena 10: Quando as águas buscam seu curso natural

Fabrício e Paulo Guilherme foram à banca de uma trabalhadora do Pop Center, lugar onde há muitas décadas era banhado pelo canal Santa Bárbara. Lá conversaram com Elisa, 52 anos, que desde os 16 anos trabalha como “camelô”, quando evadiu da escola, no final da década de 1980. Ela relatou que nas cheias de maio a água não chegou até ali, não houve intercorrência no prédio, ao contrário do que aconteceu com as chuvas intensas de setembro, quando o grande volume de água causou problemas de goteira no teto, dificultando o trabalho.

Elisa mora perto do Pop Center e disse que em maio a água não chegou na sua casa, porém, as cheias de 2004 e 2008 foram devastadoras para ela, pois na primeira ocasião a água tomou metade do primeiro andar e quatro anos depois a água chegou aos joelhos.

Ela conhece a história da canalização do Arroio Santa Bárbara e relembra que, tempos atrás, ele passava exatamente onde hoje se encontra o Pop Center. Para Elisa, a água sempre foi uma força “perigosa” que provoca “medo”. Após as chuvas de maio, esse temor se intensificou. Agora, sempre que chove, seus medos são acionados e a preocupação com uma nova cheia e todos os transtornos que ela traz.

Figura 14 - Pelotas pelas águas



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

Fotos do Almanaque do Bicentenário de Pelotas (2012).

## Cena 11: Memórias da “enchente” de 1986-2024

Rafaela entrevistou Marina em sua casa. Marina é moradora do bairro Porto/Balsa, é aposentada por deficiência visual e mora com uma filha. Ela é uma ex-moradora da rua Eusébio de Queiroz, localizada na Vila Castilho, e viveu lá por três a quatro anos com os pais e três irmãos menores numa casa alugada. Na Castilhos, vivenciou uma grande “enchente” no ano de 1986, quando tinha 15 anos. Em suas memórias, Marina disse que morava com a família na Vila Castilho porque os aluguéis eram mais baratos. Relata que a “enchente” aconteceu no mês de junho ou julho e que acredita que o arroio que transbordou e inundou sua rua e as ruas próximas foi o Santa Bárbara. A água tomou a rua durante a madrugada e sob forte chuva. Quando acordaram, a água já inundava a casa: “A água subiu enquanto dormíamos, quando acordamos, ouvimos sirenes e gritos dos vizinhos. Quando botamos os pés no chão, a água chegava nos joelhos. Subimos na mesa e nas cadeiras, achávamos que teríamos que ir para o telhado, a água subia muito rápido, em lâminas, dando 'pulos'. Roupas, brinquedos, material escolar, nada deu pra salvar, só deu tempo da minha mãe pegar uma pasta com documentos”.

O resgate veio por soldados do exército que chegaram de barco para resgatar os moradores quase ao amanhecer do dia, quando a água já alcançava o telhado das casas. Lembra dos animais nos telhados. A rua teria ficado inundada por quase um mês. Nesse período, Marina e a família ficaram hospedados na casa de parentes na Cohab II até que pudessem voltar para casa e analisar os prejuízos.

Depois que a água baixou, voltaram para ver o estado da casa. A água arrastou o banheiro de madeira que ficava do lado de fora, destruiu os móveis e abalou a estrutura da casa ao ponto de a família não poder voltar a viver lá. O interior da casa ficou cheio de lama e com os restos dos móveis destruídos pela água, que foram arrastados de onde estavam originalmente. A água trouxe e atraiu animais, como cobras, sapos e escorpiões, que ainda não haviam ido embora com o recuo da água e estavam espalhados pela rua e dentro das casas. Tudo que pôde ser recuperado eram coisas que pudessem ser lavadas e usadas novamente, como as louças ou o botijão de gás que estava intacto.

A família teve que sair para não voltar e foram para casa de parentes. Aqueles que não tinham para onde ir iam para abrigos. Lembra da casa da vizinha da frente, um chalé de madeira, que foi arrastado. A água inundou toda a Vila Castilho, chegando até os trilhos do trem, a rodoviária e a subida da rua Marcílio Dias, de acordo com o que Marina lembra. A família de Marina seguiu vivendo com a família na Cohab II junto aos parentes, em duas peças em um grande terreno dividido com outras três famílias das irmãs de sua mãe.

Marina diz se lembrar que, na época, os alunos do Colégio Pelotense teriam



organizado um mutirão para arrecadar doações para os atingidos pela “enchente”. E a família teria ganhado, através de mutirões e doações, novos móveis para mobiliar a casa nova: “Ganhamos tanta coisa que ficou melhor do que como era a casa antes”.

Marina conta que com a “enchente” de maio de 2024 e a classificação de sua rua como área de risco, visto a possibilidade de o nível do São Gonçalo transbordar, reviveu tais lembranças. Marina diz temer pelos próximos anos e que agora qualquer chuva intensa se torna motivo de preocupação e medo com a possibilidade de o nível das águas subirem demais e tomarem conta do bairro, da rua e de sua casa.

Figura 15 - Memórias da “enchente”



Fonte: colagem de Gabriela Siqueira, 2024.

Desenhos de Flávia Rieth e Gabriela Siqueira.

Fotos do Almanaque do Bicentenário de Pelotas (2012).

Em Pelotas pelas Águas, descrevemos 11 cenas que retratam diferentes compreensões sobre as águas que, lidas em conjunto, traçam um mapa das áreas mais atingidas pelas cheias das águas e inundações. Salientamos que as águas não atingem a todos igualmente e nem são usufruídas por todos, pois a cidade deve ser desvendada na sua complexidade: em suas relações sociais, culturais, históricas e geográficas.

Figura 16 - Turma de Sociedade e Extensão e Antropologia I, UFPel/2024.



Fonte: foto tirada pela turma de Sociedade e Extensão e Antropologia I. 2024.

## REFERENCIAS

Araújo, I., Couto, E. S., Noronha, M. L. H., Estevão, M. R., & Brizolla, T. M. (2025). Pelotas pelas águas: Trajetória e metodologia de uma ação extensionista junto a comunidades ribeirinhas. Em: **Anais do XII Congresso de Extensão e Cultura**. 11ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão.

Benjamin, W. (2009). **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Chevallard, Y. (2014). Sobre a teoria da transposição didática: Algumas considerações introdutórias. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, 3(2).

Fleischer, S. (2019). Cenas de microcefalia, de cuidado, de antropologia (Recife, setembro de 2017). **Cadernos de Campo**, 27(1), 118-31.

- Freire, P. (2021). **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz & Terra.
- Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, 18(37).
- Rieth, F. (2019). Arroio Pepino: Caminhadas às margens de um arroio urbano em Pelotas/RS. **Tessituras**, 7(2).
- Rieth, F., & Nunes, J. dos S. (2023). **Uma cidade das águas: Percursos e percepções a partir das paisagens urbanas da cidade de Pelotas/RS**. Anais da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) de 2023. Niterói.
- Rocha, A. L., & Eckert, C. (2020). A arte de narrar as(nas) cidades: Etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. **Revista Hawó**, 1, 2-51.
- Sell, J. (2017). **Estradas paisagísticas: Estratégias de promoção e conservação do patrimônio paisagístico do pampa Brasil-Uruguai** [Tese]. Universidade Federal de Santa Maria.
- Siqueira, G. P., & Alves, J. L. M. (2025). Pelotas pelas águas: A construção de um diário gráfico como experiência de extensão universitária. Em: *Anais do XII Congresso de Extensão e Cultura*. 11ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão.
- Velho, G. (1981). **Individualismo e cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar Editores.

## CRÉDITOS DO DIÁRIO:

Entrevistas por:

Claudia Beatriz Costa Vieira

Denis Leandro da Rosa Moraes

Fabício Quevedo de Oliveira

Fernanda Bento Muller

Flávia Rieth

Gabriela Pecantet Siqueira

Grace Ziemann Velasco

Guilherme Barros Simões Lopes

Guilherme Porto da Silva

Jaqueline Schneider

Jorge Luis Martins Alves

Paulo Guilherme Caufumann Rovel

Rafaela Ferreira Fernandes

Tatiana Soares de Soares

William Rodrigues Lemos

Fotos, desenhos, colagens e mapas de:

Flávia Rieth

Gabriela Pecantet Siqueira

Grace Ziemann Velasco

Raysa de Souza Lemos

